

metrópoles
a história da cidade, a maior
criação da civilização

ben wilson

Tradução de José Saraiva

ÍNDICE



Créditos de imagens	9
Mapa-mundi	12
Introdução: O século metropolitano	15
1 O Alvorecer da Cidade	
Uruk, 4000-1900 a. C.	29
2 O Jardim do Éden e a Cidade do Pecado	
Harappa e Babilónia, 2000-539 a. C.	57
3 Cosmópole	
Atenas e Alexandria, 507-30 a. C.	87
4 Megacidade Imperial	
Roma, 30 a. C.-537 d. C.	111
5 Gastrópole	
Bagdade, 537-1258	135
6 Cidades de Guerra	
Lübeck, 1226-1491	161
7 Cidades do Mundo	
Lisboa, Malaca, Tenochtitlan, Amesterdão, 1492-1666	185

8	<i>A Metrópole do Convívio</i>	
	Londres, 1666-1820	211
9	<i>As Portas do Inferno?</i>	
	Manchester e Chicago, 1830-1914	235
10	<i>Síndrome de Paris</i>	
	Paris, 1830-1914	261
11	<i>Almas de Arranha-Céus</i>	
	Nova Iorque, 1899-1939	287
12	<i>Aniquilação</i>	
	Varsóvia, 1939-45	311
13	<i>Sons dos Subúrbios</i>	
	Los Angeles, 1945-99	345
14	<i>Megacidade</i>	
	Lagos, 1999-2020	385
	Imagens	423
	Agradecimentos	441
	Notas	443

CRÉDITOS DE IMAGENS



Uma moderna reconstrução de Uruk, 2012. (© artefacts-berlin.de; Material: Instituto Arqueológico Alemão)

Interior da Penn Station, Nova Iorque, fotografia, 1911. (Geo. P. Hal & Son / The New York Historical Society / Getty Images)

Adolescentes a mergulhar no East River, Nova Iorque, fotografia, 1937. (*The New York Times*)

Rua Hester, Nova Iorque, slide, 1903. (National Archives and Records Administration)

A Cidade Velha de Bukhara ao pôr do sol, fotografia. (Adam Jones)

Cenas de Tamerlane, Museu Timur, Tashkent, painel pintado. (Eddie Gerald / Alamy Stock Photo)

Lübeck e Hamburgo, 1588, de *Civitates Orbis Terrarum* por Franz Hogenberg e Georg Braun, Nuremberga, 1572—1616. (akg-images)

Mapa de Tenochtitlan, das cartas de Hernán Cortés, Nuremberga, 1524. (Lanmas / Alamy Stock Photo)

Pieter de Hooch, *Interior com Mulheres junto a armário de roupas*, óleo sobre tela, 1663. (Bridgeman Images)

Cena de rua em Newcastle, slide, c. 1900. (Coleção do autor)

Violet Carson, Manchester, fotografia, 1966. (ITV / Shutterstock)

Vincent van Gogh, *Os Arredores de Paris*, óleo sobre cartão, 1866. (© Christie's Images / Bridgeman Images)

Gustave Caillebotte, *Rua de Paris, Dia de Chuva*, óleo sobre tela, 1877.
(Charles H. e Mary F. S. Worcester Collection / Bridgeman Images)

Edouard Manet, *Um Bar nas Folies-Bergère*, óleo sobre tela, 1881—2.
(Bridgeman Images)

Edouard Manet, *Brandy de Ameixa*, óleo sobre tela, c. 1877. (Bridgeman
Images)

Vista noturna de Xangai. (Siyuan / Unsplash)

Skyscraper Souls, poster do filme, 1932. (Warner Brothers)

Dead End, fotograma do filme, 1937. (World History Archive / Ann Ronan
Collection / Agefotostock)

O Queensbridge Housing Project à beira da Ponte de Queensboro, fotografia,
1939. (*New York Daily News* Archive / Getty Images)

Visitantes à exposição “Futurama” da General Motors, fotografia, 1939.
(Getty Images / Bettmann)

H. S. Wong, “Bloody Saturday”, fotografia, 1937. (National Archives and
Records Administration)



*Oceano
Ártico*

*Oceano
Atlântico*

*Oceano
Pacífico*

Los Angeles

Chicago

Toronto

Nova Iorque

Atlanta

Houston

Tenochtitlan

Cidade do México

San Lorenzo

Medellin

Rio de Janeiro

Curitiba

Porto Alegre

Bergen

Hamburgo

Amsterdão

Manchester

Londres

Colchester

Antuérpia

Bruges

Paris

Génova

Florença

Roma

Veneza

Madrid

Barcelona

Lisboa

Cartago

Djenné-Djenno

Lagos



INTRODUÇÃO

O século metropolitano



Hoje, a população urbana do mundo cresceu perto de 200 000 pessoas. Amanhã acontecerá o mesmo, e no dia seguinte, e em todos os dias no futuro próximo. Em 2050, dois terços da Humanidade estarão a viver em cidades. Estamos a assistir à maior migração da história, o culminar de um processo que dura há 6000 anos, no qual, no fim do presente século, nos teremos transformado numa espécie urbanizada.¹

Onde e como vivemos é uma das mais importantes questões que podemos colocar a nós próprios. Muito do que sabemos da história e dos nossos tempos provém da exploração desse tema. Desde as primeiras aglomerações urbanas na Mesopotâmia por volta de 4000 a. C., as cidades têm servido como gigantescos centros de troca de informação; a interação dinâmica de pessoas nas densas e acanhadas metrópoles deu origem às ideias, técnicas, revoluções e inovações que fizeram a História avançar. Até ao ano 1800, não mais de 3 a 5% da população global vivia em áreas urbanas de alguma dimensão; mas esta minoria teve um efeito desproporcionado no desenvolvimento global. As cidades têm sido sempre os laboratórios da Humanidade, as fábricas da História. Atraído pelo poder magnético da cidade, como acontece com tantos milhões todas as semanas, comecei a pesquisar e a escrever *Metrópoles* com esta premissa: a de que o nosso passado e o nosso futuro estão ligados, para o bem e para o mal, à cidade.

Mergulhei neste assunto vasto, multifacetado e desconcertante num tempo de espetacular renascimento urbano e também de desafios sem precedentes à textura urbana. No início do século vinte, a cidade tradicional era

uma lura de pessimismo e não de esperança; a metrópole industrial aprisionava e devorava os que nela habitavam, envenenava corpos e mentes; estava a fomentar a desagregação social. Na segunda metade do século vinte, a resposta aos horrores da industrialização estava em pleno andamento: parecíamos ter embarcado num processo de dispersão, em vez de concentração. As mais destacadas metrópoles globais, como Nova Iorque e Londres, sofreram quebras de população. Carros, telefones, viagens aéreas baratas, os fluxos suaves do capital por todo o mundo e, mais recentemente, a *Internet* permitiram-nos espalharmo-nos, desfazendo assim o tradicionalmente apinhado, e intenso, centro da cidade. Quem precisa de redes sociais urbanas quando tem redes sociais virtuais sem limites? A baixa das cidades que, de qualquer forma, estava a ser vítima de ondas de crime e delapidação física — estava a ser substituída por parques de negócios suburbanos, *campuses*, teletrabalho e centros comerciais na periferia da cidade. Os anos finais do último século e as primeiras décadas do novo milénio, contudo, desmentiram essas previsões.

Uma série de antigas cidades, sobretudo na China, mas também algumas cidades recentes ganharam vida, alimentadas por 440 milhões de migrantes de áreas rurais em três décadas, e coroadas por uma orgia de construção de arranha-céus. Por todo o mundo, as cidades reclamaram a sua posição central na economia. Em vez de facilitar a dispersão, a economia do conhecimento e as comunicações super-rápidas encorajam as grandes empresas, os pequenos negócios, as *start-ups* e os trabalhadores criativos por conta própria a juntarem-se como abelhas numa colmeia. As inovações tecnológicas, artísticas e financeiras ocorrem quando os peritos se juntam: os humanos prosperam quando partilham conhecimentos, colaboram e competem em ambientes de proximidade — e em particular em lugares que facilitam o fluxo da informação. Onde em tempos as cidades tentavam seduzir grandes fábricas ou capturar um quinhão do comércio mundial, competem agora por cérebros.

A dependência do capital humano e os benefícios económicos da densidade urbana nas sociedades pós-industriais estão a refazer a metrópole moderna. As cidades de sucesso transformam economias por inteiro — como demonstra o muito invejado crescimento da China, liderado pelas zonas urbanas. De cada vez que uma área duplica em densidade de população, torna-se entre 2 e 5% mais produtiva: as energias contidas nas cidades tornam-nos coletivamente mais competitivos e empreendedores. Essa força é ampliada não apenas pela densidade mas também pela dimensão.²

Uma das maiores mudanças que tomou conta do planeta nas últimas três décadas é a forma inesperada como as maiores metrópoles se diferenciam dos seus países. A economia global é enviesada para algumas cidades e regiões urbanas: em 2025, 440 cidades com uma população coletiva de 600 milhões (7% da população total mundial) serão responsáveis por metade do PIB global. Cidades individuais em muitos mercados emergentes como São Paulo, Lagos, Moscovo e Joanesburgo produzem, por si só, entre um terço e metade da riqueza das suas nações. Lagos, com 10% da população da Nigéria, é responsável por 60% das atividades industriais e comerciais do país; se se declarasse independente, e se tornasse uma cidade-estado, seria o quinto país mais rico de África. Na China, 40% do total da produção económica do país é gerado por apenas três regiões megarurbanas. Isto não é um fenómeno recente. De facto, estamos a assistir ao regresso a uma situação comum ao longo da maior parte da história — o papel desmedido da cidade *superstar* nos assuntos humanos. Nas antigas Mesopotâmia ou Mesoamérica, antes de Colombo, durante a ascensão da pólis grega ou no auge da cidade-estado medieval, um grupo selecionado de metrópoles monopolizaram o comércio e impuseram-se perante meros estados-nação.

Por toda a história, esta divergência das cidades mais importantes e dos países não se limitou à economia. O seu sucesso sobrealimentado quer dizer que elas sugam talento e riqueza de povoações e regiões menos favorecidas; dominam a cultura; e, como as cidades históricas, são cada vez mais caracterizadas por uma diversidade que não se encontra noutros locais. A proporção de residentes nascidos no estrangeiro nalgumas das mais poderosas metrópoles de hoje está entre 35 e 50%. Mais jovens, mais educadas, mais ricas e mais multiculturais do que as populações nacionais, as cidades globais têm mais em comum umas com as outras. Em muitas sociedades modernas, a mais profunda divisão não é a idade, a raça, classe ou sequer o urbano contra o rural: é sim entre as grandes metrópoles e as povoações, os subúrbios, as vilas e cidades que ficaram para trás na globalizada economia do conhecimento. De certa forma, o termo “metropolitano” dá uma imagem de *glamour* e oportunidade; mas é também sinal de um certo tipo de elitismo — político, cultural, e social — que é alvo de cada vez maior ressentimento. O ódio às grandes cidades não é novo, claro; passámos grande parte da nossa história a preocuparmo-nos com o efeito corrosivo da metrópole na nossa moral e saúde mental.

O espantosamente veloz espalhar da COVID-19 pelo planeta em 2019-20 foi um tributo tenebroso ao triunfo da cidade no século vinte e um;

as complexas redes sociais, que tornam as cidades tão bem sucedidas, tornaram-se um perigo para nós enquanto o vírus se espalhava, tanto no seio das cidades como entre elas. Quando os habitantes urbanos começaram a desertar de cidades como Paris ou Nova Iorque em busca da aparente segurança do campo, foram muitas vezes recebidos com hostilidade, acusados não só de trazerem com eles a doença, mas também por abandonarem os seus concidadãos.

Esta rejeição fez recordar o antagonismo entre cidade e não-cidade que perpassa toda a história. As metrópoles como lugares de privilégios e fontes de contaminação; lugares que acenam com a promessa de riqueza mas de onde se foge ao primeiro sinal de perigo.

Pragas, pandemias e doenças têm corrido pelas rotas de comércio e arrasado sem piedade densas áreas urbanas desde o tempo das primeiras cidades. Em 1854, 6% da população de Chicago foi morta pela cólera. Mas isso não deteve as pessoas que se dirigiram para a miraculosa metrópole do século dezanove: a população cresceu de 30 000 no início dos anos 50 do século dezanove para 112 000 no fim da mesma década. E assim, nos nossos dias, o imparável colosso urbano não mostra qualquer sinal de abrandamento mesmo em face de uma pandemia; sempre pagámos um elevado preço para partilhar os benefícios da cidade, mesmo quando a sua abertura, diversidade e densidade se viraram contra nós.

A escala da nossa recente urbanização pode ser vista a partir do espaço, nas manchas luminosas que salpicam a superfície do globo à noite. O renascimento é evidente ao nível das ruas. De perigosas e um tanto descuidadas entre o meio e o final do século vinte, muitas cidades tornaram-se mais seguras e altamente desejáveis, mais caras, rejuvenescidas por uma panóplia de restaurantes da moda, comida de rua, cafés, galerias e recintos para música ao vivo. Ao mesmo tempo, a revolução digital promete-nos um naipe de novas tecnologias que poderão erradicar muitos dos inconvenientes da vida na cidade, criando “cidades inteligentes” futuristas, alimentadas por dados, com milhões de sensores incorporados que permitirão às IAs gerir fluxos de tráfego, coordenar o transporte público, erradicar o crime e reduzir a poluição. As cidades tornaram-se, mais uma vez, lugares a que acorrer, e não de onde escapar. O nosso renascimento urbano contemporâneo pode ser rapidamente apreendido na paisagem citadina em constante mutação — na gentrificação de áreas degradadas, na subida de rendas, na reabilitação de edifícios e no exército de arranha-céus que por todo o lado se levantam para o céu.

Xangai transformou-se de um “buraco atrasado do terceiro mundo”

invadido pelo *smog* (segundo um jornal local), no início dos anos 90, num ícone da revolução metropolitana pós-industrial do século vinte e um, com as suas reluzentes e imensas torres. A imitar Xangai e outras metrópoles chinesas, a construção de arranha-céus a nível global aumentou 402% desde o dealbar do milénio, fazendo o número total de edifícios com mais de 150 metros de altura e quarenta pisos passar de pouco mais de 600 a 3251 em dezoito anos; a meio deste século deverão existir 41 000 torres deste género a dominar as cidades de todo o mundo. A abrupta verticalização da paisagem urbana é evidente em todo o planeta, de metrópoles onde imperavam tradicionalmente os edifícios de baixa altura, como Londres e Moscovo, a cidades em explosão, como Adis Abeba e Lagos, e todas elas partilham uma compulsão de anunciar a sua virilidade no horizonte citadino.³

E enquanto se esticam para as alturas, as cidades também conquistam território. A velha divisão entre centro da cidade e subúrbio desfez-se. Longe de serem os locais monolíticos e aborrecidos do cliché, muitos subúrbios tornaram-se cada vez mais urbanos desde os anos 80, com empregos, maior diversidade étnica, vida de rua, epidemias de crime e abuso de drogas — por outras palavras, herdando muitas das virtudes e dos vícios do centro das cidades. A tradicional cidade compacta rodeada por um território de alojamentos suburbanos libertou-se e expandiu-se rapidamente. O resultado são metrópoles que ocupam regiões inteiras. A divisão em termos económicos entre Londres e a maior parte do sudeste de Inglaterra é difícil de perceber. Atlanta, na Geórgia, estende-se ao longo de quase 2000 milhas quadradas (em contraste, Paris ocupa quarenta milhas quadradas). A maior megalópole do mundo, Tóquio, “enfia” 40 milhões de pessoas em 5240 milhas quadradas. Mas mesmo esse colosso se reverá na sombra das mega-regiões urbanas que a China planeia criar, como Jing-Jin-Ji, um grupo de cidades interligadas que reúne Pequim, Hebei e Tianjin, que cobrirá 84 000 milhas quadradas e acomodará 130 milhões de pessoas. Quando falamos da “metrópole” no século vinte e um, não estamos a falar dos bairros centrais de negócios em Manhattan ou no centro de Tóquio — a ideia clássica dos locais onde residem o poder e a riqueza — e sim de vastas regiões interligadas onde as cidades se fundem umas com outras.

É fácil ficar intoxicado com a visão trémula de novas cidades assertivas. A fúria pela vida na vertical tornou-se um privilégio dos muito ricos; é sintomática de um desejo de fuga às confusas, congestionadas e turbulentas ruas da cidade lá em baixo e da procura de um refúgio nas nuvens. Segundo as Nações Unidas, as favelas e os aglomerados informais sem os

serviços básicos e infraestruturas estão a tornar-se na forma “dominante e distinta do tipo de habitação humana”. O estilo de vida futuro da maioria da espécie pode mais facilmente ser visto nas superdensas, autoconstruídas e auto-organizadas áreas de Mumbai ou Nairobi do que nos brilhantes bairros centrais de Xangai ou Seul, ou nas extensões sem fim de Houston ou Atlanta. Hoje em dia, mil milhões de pessoas, um em cada quatro habitantes de uma cidade, vive numa favela, bairro da lata, “barrio”, *kampung*^{*}, acampamento, *gecekondu*^{**}, *villa miseria*^{***} ou seja qual for o nome localmente dado a este género de área urbana sem qualquer planeamento e construída pelos próprios habitantes. Perto de 61% da força laboral global — 2 mil milhões de pessoas — ganham a vida na economia paralela, informal, sem registo, muitos deles dando de comer, vestir e habitar a populações urbanas em expansão. Este tipo de urbanismo faça-você-mesmo preenche as brechas deixadas pelos governos locais, que se revelam simplesmente incapazes de lidar com a torrente de recém-chegados. Damos muita atenção aos inovadores da economia do conhecimento, que prosperam nos centros das cidades globais, mas existem outros inovadores — os que trabalham no fundo, e que mantêm as cidades em funcionamento através do trabalho duro e do seu engenho.⁴

A rápida proliferação simultânea de arranha-céus e bairros da lata anuncia o atual “século urbano”. Cidadãos até da mais pressionada megacidade ganham mais, educam melhor as suas crianças, e gozam de maior conforto material do que os seus primos rurais. Para a primeira geração de migrantes do campo para as favelas do Rio de Janeiro, as taxas de iliteracia eram de 79%; hoje, 94% dos seus netos são letrados. Nas cidades subsaarianas com mais de 1 milhão de residentes, a mortalidade infantil é um terço mais baixa do que em povoações de menor dimensão. Só 16% das raparigas na Índia rural entre os treze e os dezoito anos de idade cujas famílias ganham menos de 2 dólares por dia vão à escola; em comparação com 48% em Hiderabade. Desde o começo da veloz urbanização chinesa, a esperança média de vida subiu oito anos. Se vivermos em Xangai, podemos esperar viver até aos oitenta e três, mais dez anos do que nas províncias rurais da China ocidental.⁵

Entre as 200 000 pessoas que migraram hoje para uma cidade, há quem esteja a fugir da pobreza rural. Forçados a deixar a terra, a cidade torna-se a única opção para ganhar a vida. Mas as cidades também oferecem

* Tipo de aldeia de Brunei, Indonésia, Malásia e Singapura. (N. de T.)

** Termo turco que se aplica a casas de construção ilegal e, por extensão, a barracas e cabanas. (N. de T.)

*** Favelas formadas por casas precárias, encontradas na Argentina, no Uruguai, México e Peru. (N. de T.)

oportunidades que não estão disponíveis noutros lugares, como sempre fizeram. Também exigem engenho e dureza mental. As favelas esqueléticas, insalubres, nas cidades em desenvolvimento são das áreas mais empreendedoras do planeta. E fomentam a aparição de elaboradas redes de apoio mútuo que amortecem os choques e as tensões da vida numa megacidade. Uma das maiores favelas da Ásia, Dharavi em Mumbai, consegue acolher perto de um milhão de pessoas em apenas 0,8 milhas quadradas. Cerca de 15 000 oficinas de uma só divisão e milhares de microempresas constroem em conjunto uma economia interna de mil milhões de dólares por ano. Grande número de pessoas está envolvida na reciclagem dos montes de lixo que todos os dias são feitos por mais de 20 milhões de habitantes da cidade. Apesar da sua enorme densidade e falta de policiamento (ou de outros serviços básicos), Dharavi, tal como outras megafavelas indianas, oferece um ambiente seguro aos transeuntes. Desde o começo dos anos 90, um punhado de *geeks* autodidatas transformaram uma ria de Lagos no maior mercado de tecnologias de informação e comunicação de África: a Otigba Computer Village, onde se encontram milhares de empreendedores e se dá um movimento de mais de cinco milhões de dólares. O efeito de enxame não se limita a beneficiar os banqueiros de Wall Street ou da nova área de Pudong em Xangai, os criativos publicitários do Soho, Londres, ou os engenheiros de *software* de Silicon Valley e de Bangalore; ele transforma as vidas e os estilos de vida de milhões de pessoas por todo o mundo, à medida que a urbanização ganha terreno e se intensifica. A economia urbana informal, do faça-você-mesmo, — seja nas ruas da Lagos em crescimento rápido ou numa metrópole mais rica como Los Angeles — é um testemunho da capacidade humana de construir cidades a partir do nada e de organizar sociedades funcionais mesmo por entre um aparente caos. É essa a essência da experiência urbana que já leva 6000 anos.

As cidades são, apesar de todos os seus sucessos, ambientes duros, impiedosos. Se oferecem a possibilidade de maior rendimento e educação, podem também distorcer as almas, retalhar as mentes e poluir os nossos pulmões. São lugares onde se sobrevive e se manobra o melhor possível, caldeirões de barulho, poluição e sobrepopulação que arrasa os nervos. Um lugar como Dharavi — com o seu labirinto serpenteante de becos, a enorme complexidade das atividades e interações humanas, a sua aparente confusão e ordem espontânea — é remanescente da vida urbana ao longo da história, seja no labirinto de uma cidade da Mesopotâmia, na anarquia complexa da antiga Atenas, no congestionado caos de uma cidade medieval europeia, ou

numa favela da Chicago industrial do século dezanove. A vida na cidade é assoberbante; as suas energias, a mudança incessante e os milhões de inconveniências, tanto grandes como pequenas, levam-nos aos limites. Ao longo da história, as cidades têm sido vistas como fundamentalmente contrárias às nossas naturezas e instintos, lugares que alimentam o vício, incubam doenças e induzem patologias sociais. O mito da Babilónia ecoa ao longo das eras: apesar do espantoso sucesso, as cidades podem esmagar o indivíduo. Por tudo o que é apaixonante nas metrópoles, há também muito que é monstruoso.

As formas como enfrentamos este ambiente hostil e o moldamos aos nossos usos é fascinante. A minha abordagem em *Metrópolis* é a de não ver as cidades como lugares de poder e lucro, mas como habitações humanas que têm um efeito profundo que molda as pessoas que nelas vivem. Este não é simplesmente um livro sobre grandiosos edifícios ou urbanismo; é acerca das pessoas que povoaram as cidades e as formas que encontraram para lidar com elas e sobreviver à panela de pressão que é a vida urbana. Não quero dizer que a arquitetura não seja importante: é a interação entre o ambiente construído e os seres humanos que está no núcleo da vida urbana, e deste livro. Estou, contudo, mais interessado no tecido conjuntivo que une todo o organismo, e menos na sua aparência externa ou nos seus órgãos vitais.

Na forma em que as cidades estão construídas em camadas da história humana, na quase infinita e infindável interligação de vidas e experiências humanas, as cidades são tão fascinantes como difíceis de penetrar. Na sua beleza e feiura, alegria e miséria, e na desordenada, assombrosa gama de complexidades e contradições, as cidades são como um quadro da condição humana, coisas a amar e detestar em igual medida. São ondas voláteis, num processo incessante de mudança e adaptação. Mascaram a sua instabilidade com grandiosos edifícios e marcos, mas em torno desses símbolos de permanência redemoinha uma mudança sem remorso. A contínua destruição e reedificação efetuada pela força das marés tornam as cidades fascinantes mas difíceis de entender ao ponto da frustração. Ao longo de *Metrópolis*, tentei capturar as cidades em movimento e não em estase.

Ao pesquisar para este livro, viajei por várias cidades na Europa, nas Américas, em África e na Ásia — com tantos contrastes como os que existem entre Mumbai e Singapura, Xangai e Cidade do México, Lagos e LA. Ao longo da narrativa cronológica, escolhi uma série de cidades que não só nos dizem algo sobre a sua época, mas também sobre as condições urbanas em geral. Algumas dessas cidades — como Atenas, Londres ou Nova Iorque

— são escolhas óbvias; outras — como Uruk, Harappa, Lübeck e Malaca — podem não ser tão familiares. Ao examinar a história das cidades, procurei por material nos mercados, *souks** e bazares; em piscinas, estádios e parques; em bancas de comida de rua, cafés e pastelarias; em lojas, centros comerciais e grandes armazéns. Interroguei quadros, romances, filmes e músicas, assim como os registos oficiais, em busca da experiência vivida das cidades e da intensidade da sua vida quotidiana. É preciso experimentar uma cidade com os sentidos — olhar, cheirar, tocar, andar, ler e imaginar — para a compreender na totalidade. Durante grande parte da história, a vida urbana circulou em torno do sensual — comer e beber, sexo e compras, boatos e divertimento. Todas essas coisas, que constroem o teatro da vida na cidade, são centrais em *Metrópoles*.

As cidades têm sucesso em larga medida porque oferecem prazer, excitação, *glamour* e intriga, assim como poder, dinheiro e segurança. Ao longo de mais de 6000 anos, como veremos, a humanidade tem feito contínuas experiências com formas de viver no turbilhão urbano. Somos bons a viver em cidades, e as cidades são criações resilientes capazes de aguentar guerras e desastres. Ao mesmo tempo, somos muito maus construtores de cidades; planeámos e construimos, em nome do progresso, lugares que aprisionam em vez de libertarem, que nos fazem miseráveis em vez de nos elevarem o espírito. Muita tragédia desnecessária foi provocada por peritos que buscavam o sonho da metrópole perfeita, planeada de forma científica. Ou, de forma menos drástica, o planeamento cria muitas vezes ambientes assépticos, isentos das energias que fazem com que a vida na cidade valha a pena.

Numa época em que não só existem mais cidades de grande dimensão mas em que também grandes faixas do mundo habitado se estão a tornar urbanas, a questão de como devemos viver em cidades nunca foi tão importante. Só ao compreender a enorme gama da experiência urbana através do tempo e das culturas é que podemos começar a enfrentar um dos maiores desafios do terceiro milénio. As cidades nunca foram perfeitas, e nunca o poderão ser. De facto, muito do prazer e do dinamismo das cidades resulta da sua imperfeição espacial, da diversidade de edifícios, pessoas e atividades misturadas e forçadas a interagir. A ordem é essencialmente antiurbana. O que torna uma cidade apaixonante é o seu desenvolvimento progressivo — o processo pelo qual foi construída e reconstruída de raiz e ao longo das gerações, resultando numa textura urbana densa e rica.

Esta confusão está no coração do que significa ser urbano. Pensemos

* Mercados tradicionais das cidades do norte de África. (N. de T.)

numa cidade como Hong Kong ou Tóquio, onde os arranha-céus se elevam acima das ruas repletas de transeuntes, mercados, pequenas lojas, vendedores de rua, restaurantes, lavandarias, bares, cafés, pequenas indústrias e oficinas. Ou então pensemos num aglomerado como Dharavi, numa megacidade cacofónica que é cenário de contínua e frenética atividade ao nível da rua — que providencia todas as necessidades básicas num curto raio. Como defende a autora américo-canadiana Jane Jacobs nos anos 60, a densidade de uma cidade e a sua vida de rua produz urbanidade, a arte de ser um cidadão. Bairros onde se pode andar a pé são um dos ingredientes cruciais da vida na cidade. Pensemos então nas modernas cidades de todo o mundo, onde o retalho, a indústria leve, as áreas residenciais e de escritórios estão rigorosamente separadas. Em muitos casos, esta separação de funções em zonas distintas tem o efeito de sanear as cidades, tornando-as limpas e ordenadas, mas roubando-lhes a energia. O planeamento urbano pode ter este resultado. Tal como os carros. O advento da massificação dos carros, primeiro nos Estados Unidos, depois na Europa, e mais tarde na América Latina, Ásia e África, remodelou as cidades de forma fundamental. As vias rápidas não se limitaram a facilitar a suburbanização e o retalho na periferia, mas, nas zonas centrais das cidades, estradas largas e congestionadas e grandes áreas de estacionamento ajudaram a matar o que restava da vida de rua.

Quando afirmamos que mais de 50% da população mundial está urbanizada, podemos estar a incorrer num erro. Uma grande proporção dos habitantes urbanos modernos não têm estilos de vida citadinos ou urbanos — se com isso quisermos dizer que vivem em bairros onde podem caminhar a pé, que têm fácil acesso a cultura, entretenimento, lazer, emprego, espaços públicos e mercados. Muitos desses mais de 50% vivem estilos de vida suburbanos, seja em reluzentes moradias independentes rodeadas por relvados ou nas chamadas “cidades de chegada” — campos improvisados colados à periferia das metrópoles em rápido desenvolvimento.

O problema do século vinte e um não é o de nos estarmos a tornar urbanos demasiado depressa, e sim o de que não nos estamos a tornar suficientemente urbanos. Que importância tem isso? Não teria qualquer importância se pudéssemos tratar o planeta como bem nos apetecesse. O facto de que 200 000 pessoas se mudam para as cidades todos os dias — ou de que nos tornámos uma espécie maioritariamente urbana por volta de 2010 — já é impressionante. Mas não conta toda a história. Muito mais alarmante é saber que, ao mesmo tempo que a população urbana se prepara para duplicar entre 2000 e 2030, a área ocupada pela selva de betão irá triplicar. Ao longo

de apenas três décadas, teremos aumentado a nossa pegada urbana no equivalente à área da África do Sul.⁶

Esta expansão urbana global está a empurrar as nossas cidades para zonas húmidas, zonas selvagens, florestas tropicais, estuários, florestas de mangue*, planícies aluviais e terrenos agrícolas — com consequências devastadoras para a biodiversidade e o clima. Há montanhas a serem destruídas para dar lugar a este épico espriar da urbanização. Isto é literalmente verdadeiro: desde 2012, mais de 700 picos montanhosos foram impiedosamente arrasados no remoto noroeste da China, e o entulho foi despejado em vales para criar um planalto artificial no qual uma nova e resplandecente cidade de arranha-céus chamada Nova Área de Lanzhou, um posto de passagem das Novas Rotas da Seda, está a ser construída.

As cidades chinesas — tal como as americanas antes delas — estão a tornar-se menos densas nos seus núcleos, à medida que as estradas e os parques de escritórios empurram as pessoas dos sobrelotados bairros urbanos de uso misto para os subúrbios. É parte de uma tendência global de urbanização e expansão de baixa densidade e dependente do automóvel. Quando as pessoas enriquecem, exigem mais espaço de vida. Se os habitantes suburbanos chineses e indianos escolherem viver com as generosas densidades em que vivem os americanos, a sua utilização de veículos e exigências energéticas vão aumentar as emissões globais de carbono em 139%.⁷ A emergência do coronavírus em 2020, e ameaças de futuras pandemias, poderão mais uma vez virar a maré contra as cidades e encorajar as pessoas a deixar as metrópoles, lugares onde longos períodos de quarentena e confinamento são quase insuportáveis e onde os riscos de infeção são maiores. Se isso suceder, os danos ecológicos serão graves.

Num clima mais quente, mais húmido e inóspito, as cidades podem oferecer uma forma de escapar ao problema. Como mostro ao longo da longa história delineada em *Metrópoles*, as cidades são entidades adaptáveis e resilientes capazes de enfrentar e responder a todos os tipos de desastres, e nós somos uma espécie adaptável, urbana, há muito acostumada às pressões e possibilidades da vida na cidade. E será melhor que continuemos a inovar. No presente século, dois terços das maiores metrópoles com populações de mais de cinco milhões de habitantes, incluindo Hong Kong, Nova Iorque, Xangai, Jacarta e Lagos, estão em risco com a ameaça da subida do nível do mar; muitas outras estão a “assar” enquanto as temperaturas sobem

* Designação de várias árvores rizoforáceas da América e da África, com raízes grossas que sustentam a planta no ar, e cuja casca, taninosa, se emprega em curtumes. (N. de T.)

descontroladamente, e são alvo de tempestades destrutivas. As nossas cidades estão na linha da frente da catástrofe ambiental iminente; por essa mesma razão, podem estar também na frente da mitigação dos efeitos das alterações climáticas. Uma das mais notáveis características das cidades é a sua habilidade para se metamorfosearem. Ao longo da história, as cidades adaptaram-se a alterações climáticas, rotas comerciais em mutação, desenvolvimentos tecnológicos, guerras, doenças e perturbações políticas. As grandes pandemias do século dezanove, por exemplo, moldaram cidades modernas porque forçaram desenvolvimentos em engenharia civil, higienização e urbanismo. As pandemias do século vinte e um irão alterar as cidades de formas que não conseguimos sequer ainda começar a imaginar. Numa época de crise climática, terão necessariamente de se adaptar.

Que aspeto terá essa evolução? Desde que existem cidades, o seu tamanho foi determinado pela forma predominante de transporte, pelas ameaças externas, pela disponibilidade de recursos e pelo preço da terra agrícola adjacente. Durante a maior parte da história, estes fatores restringiram o crescimento das cidades; só sociedades pacíficas e ricas conseguiam esticar os braços. Neste século, a ameaça à nossa segurança não virá de exércitos invasores, e sim de um clima instável. As cidades densamente povoadas com linhas de transportes públicos, bairros em que se pode circular a pé, e uma gama de lojas e serviços produzem muito menos dióxido de carbono e consomem muito menos recursos do que aglomerados populacionais extensos. O caráter compacto faz diminuir, até certo ponto, o curso de colisão com a natureza porque evita os pecados da expansão. Não estou a sugerir que nos amontoemos como gado nos centros das cidades; é evidente que não há espaço suficiente para isso. Aquilo a que me refiro é a urbanização das vizinhanças metropolitanas — os subúrbios e bairros periféricos — para que estes assumam as formas e funções, a densidade, os usos diversos e a confusão espacial que estão associados aos centros das cidades

Durante os confinamentos de 2020, a densidade urbana transformou-se de benefício em ameaça. A socialização, uma das alegrias da vida cidadina, tornou-se em algo a ser evitado a todo o custo, como se os nossos concidadãos fossem inimigos mortais. Ao invés de nos arrebanharmos, milhares de milhões receberam ordens para se afastarem; a vida cidadina foi invertida. Mas a vulnerabilidade das populações urbanas à doença e os efeitos do confinamento não nos devem fazer esquecer que a densificação é uma forma vital de alcançar a sustentabilidade ambiental. Os economistas e urbanistas cantam justificados louvores ao “efeito de aglomeração” que fez das metrópoles

modernas tão bem sucedidas na economia do conhecimento. Mas isto funciona de muitas formas diferentes, não se limita às *start-ups* tecnológicas. As áreas urbanas compactas incitam a todo o tipo de inovações e criatividade, incluindo ao nível dos bairros — e não apenas nas altas finanças e na magia tecnológica, mas na vida do quotidiano. A história mostra-nos isso mesmo. Por outras palavras, as comunidades funcionais e engenhosas podem ajudar a tornar as cidades mais resilientes precisamente no momento em que precisamos de cidades adaptáveis e resilientes prontas a enfrentar as recentes e sérias ameaças das alterações climáticas e das pandemias. A energia de Dharavi, da Otigba Computer Village de Lagos e de milhares de comunidades informais demonstra a engenhosidade urbana em funcionamento todos os dias.

Este tipo de soluções requer uma urbanização da vida a uma escala verdadeiramente massiva. Acima de tudo, exige que sejamos capazes de abrir as nossas imaginações de forma a abraçar a diversidade daquilo que as cidades podem ser. A história é uma forma vital de abrir os nossos olhos à gama completa da experiência urbana.

1

O Alvorecer da Cidade

URUK, 4000-1900 A. C.



Enkidu vive em harmonia com a Natureza. Forte como uma “pedra vinda do céu” e detentor de uma beleza divina, o seu coração exulta enquanto ele corre livre ao lado dos animais selvagens. Até que avista a figura desnuda de Shamat, que se banha no poço. Enfeitiçado pela sua primeira visão de uma mulher, Enkidu faz amor com Shamat ao longo de seis dias e sete noites.

Saciado por essa união sexual desenfreada, plena de abandono, Enkidu tenta regressar à liberdade da natureza selvagem. Mas o seu poder sobre esta desvaneceu-se. Os animais evitam-no; a sua força diminuiu; e, pela primeira vez, sente as dores da solidão. Confuso, regressa para junto de Shamat. Ela fala-lhe da sua casa, a lendária cidade de Uruk, lugar de construções monumentais, bosques de palmeiras cheios de sombra, e uma multidão de seres humanos acoitada por trás de muralhas poderosas. Na cidade, os homens laboram com o cérebro, e não apenas com os músculos. As pessoas envergam roupas maravilhosas, e todos os dias há um festival, em que “tambores marcam o ritmo”. E também lá estão as mais belas mulheres de todo o mundo, “cheias de graça e de prazeres”. Shamat ensina Enkidu a comer pão e a beber cerveja. Na cidade, diz-lhe, o potencial divino que ele exhibe será traduzido num poder real. Depois de depilar o corpo peludo, de untar a pele com óleos e de esconder a nudez sob roupagens dispendiosas, Enkidu dirige-se a Uruk. Renunciou à liberdade e aos instintos naturais, atraído à cidade pelo sexo, pela comida e pelo luxo.

As cidades, de Uruk e Babilónia a Roma, Teotihuacan e Bizâncio, de

Bagdade e Veneza a Paris, Nova Iorque e Xangai, sempre fascinaram as pessoas, que as viam como a concretização dos lugares idealizados pela imaginação, os pináculos da criatividade humana. Enkidu representa a Humanidade num estado natural pristino, forçada a escolher entre a liberdade da Natureza e a artificialidade da cidade. Shamat é a personificação da sofisticada cultura urbana. Como ela, estas cidades chamam e seduzem; prometem a realização de todos os nossos poderes e potencial.⁸

A história de Enkidu é relatada no início da *Epopéia de Gilgamesh*, a mais antiga obra literária sobrevivente da Humanidade, cuja forma escrita data de, pelo menos, 2100 a. C. Esta narrativa épica foi produzida pelo povo da Suméria, letrado, fortemente urbanizado, que vivia na Mesopotâmia, na região agora conhecida como Iraque. Alguém que pela primeira vez chegasse a Uruk no seu auge, por volta de 3000 a. C., como o ficcional Enkidu, teria os seus sentidos assaltados. Com uma população entre 50 e 80 000 habitantes e uma área de perto de oito quilómetros quadrados, Uruk era o local mais densamente povoado no planeta. Como um formigueiro, a cidade situava-se no cimo de um monte criado pela atividade de gerações prévias, sobre camadas de lixo e materiais de construção descartados que criavam uma acrópole de origem humana que dominava as planícies que a rodeavam e era visível a quilómetros de distância.

Muito antes de chegar à cidade, o visitante tomaria consciência da sua presença. Uruk tinha em seu redor uma área cultivada, já que tinha dominado o campo para servir as suas necessidades. Centenas de milhares de hectares de campos irrigados artificialmente por valas produziam o trigo, as ovelhas e as tâmaras que alimentavam a metrópole, e a cevada que providenciava cerveja para consumo das massas.

O mais espantoso eram os templos altaneiros dedicados à deusa do amor e da guerra, Eanna, e a Anu, deus do céu, construídos em plataformas gigantescas que se elevavam sobre a cidade. Como as torres sineiras e os domos de Florença, ou a floresta de arranha-céus na Xangai do século vinte e um, formavam uma assinatura visual inconfundível. Feito de calcário e coberto com reboco de gesso, o grande Templo Branco de Anu refletia a luz do sol de forma tão ofuscante como qualquer arranha-céus moderno. Era um farol nas planícies, que irradiava uma mensagem de civilização e poder.

Para os antigos mesopotâmios, a cidade representava o triunfo da Humanidade sobre a Natureza; a paisagem artificial que dominava a área deixava isso perfeitamente claro. As muralhas da cidade, repletas de portões e torres avançadas, tinham uma circunferência de nove quilómetros,

e sete metros de altura. Ao entrar por um dos portões, qualquer um teria imediatamente a noção de como os habitantes da cidade tinham conseguido a sua vitória sobre a Natureza. Em torno da cidade propriamente dita, havia jardins bem cuidados que produziam frutas, ervas e legumes. Uma extensa rede de canais trazia água do Eufrates até ao coração da cidade. Um sistema subterrâneo de canos de argila descarregava os dejetos de dezenas de milhares de pessoas no exterior das muralhas. Os jardins e as tamareiras davam a pouco e pouco lugar ao centro da cidade. O labirinto de ruas e vielas estreitas e serpenteantes apinhadas de casas pequenas e sem janelas podia ter um aspeto horrivelmente acanhado e oferecia poucos espaços abertos, mas esta disposição tinha sido adotada de forma a criar um microclima urbano no qual a sombra e a brisa proporcionadas pela estreiteza das ruas e a densidade das habitações mitigavam a intensidade do sol da Mesopotâmia.⁹

Barulhenta, acanhada, fervilhante, Uruk e as suas cidades irmãs da Mesopotâmia eram singulares à face da Terra. Numa obra literária da mesma época que a *Epopéia de Gilgamesh*, o autor imagina a deusa Inana a garantir que:

[...] os armazéns seriam abastecidos; que as habitações seriam fundadas na cidade; que os seus habitantes teriam alimentos esplêndidos; que teriam bebidas esplêndidas; que os que se banhassem para as festas se regozijariam nos pátios; que o povo encheria os locais de celebração; que os amigos jantariam juntos; que os estrangeiros andariam pela cidade em grupo, como se fossem aves raras pelo céu... que os macacos, os poderosos elefantes, búfalos, animais exóticos, bem como cães de raça pura, leões, íbexes da montanha e carneiros alum de lã comprida se defrontariam uns aos outros nas praças públicas.

O escritor prossegue na descrição de uma cidade com grandes celeiros para o trigo e silos de ouro, prata, cobre, estanho e lápis-lazúli. Neste relato fortemente idealizado, tudo o que havia de bom no mundo fluía para a cidade, para prazer dos seus habitantes. Entretanto, “na cidade soavam tambores *tigi*; no exterior, as flautas e os instrumentos *zamzam*. No porto, onde os navios atracavam, tudo era alegria”.¹⁰

“Uruk” quer simplesmente dizer “a cidade”. Era a primeira cidade do mundo, e ao longo de mais de mil anos foi o seu mais poderoso centro

urbano. Quando as pessoas se agruparam em vastas comunidades, as coisas mudaram a uma velocidade incrível; os cidadãos de Uruk foram pioneiros em tecnologias que alteraram o mundo, e experimentaram formas radicalmente novas de viver, vestir, comer e pensar. A invenção da cidade nas margens do Eufrates e do Tigre desencadeou na História uma nova e imparável força.

*

O fim da última Idade do Gelo, há cerca de 11 700 anos, alterou de forma profunda a vida humana na Terra. Por todo o mundo, as sociedades de caçadores-coletores começaram a cultivar o solo e a domesticar espécies de plantas que beneficiaram de um planeta em aquecimento. Mas foi o Crescente Fértil — uma área semicircular que se estende do Nilo a oeste até ao Golfo Pérsico no leste, abrangendo o que hoje são o Egito, a Síria, o Líbano, Israel, a Palestina, a Jordânia, o Iraque, o sudeste da Turquia e a orla ocidental do Irão — que providenciou a área mais favorável para a agricultura. Esta região relativamente pequena continha uma vasta gama de topografias, climas e altitudes, que, por seu turno, ofereciam uma biodiversidade extraordinária. Mais importante ainda para o desenvolvimento das sociedades humanas, continha os progenitores selvagens de muita da agricultura moderna — trigo farro, trigo *einkorn*, cevada, linho, grão, ervilhas, lentilhas e ervilhaca amarga — e mamíferos de grande porte que podiam ser domesticados: vacas, cabras, ovelhas e porcos. Em poucos milénios, o berço da agricultura tornou-se o berço da urbanização.

Em 1994, na Turquia e sob a direção de Klaus Schmidt, começaram trabalhos arqueológicos em Göbekli Tepe (o Monte Barrigudo). Foi descoberto um vasto complexo cerimonial, que consiste em grandes pilares de pedra em forma de T, dispostos em círculos. Este local impressionante não foi edificado por uma comunidade agrícola avançada e bem estabelecida. As grandes pedras de vinte toneladas foram extraídas e transportadas para a colina há doze mil anos (em contraste, a construção de Stonehenge começou há cinco mil anos). Esta descoberta revolucionou o pensamento convencional. Ali estava a evidência de que os caçadores-coletores se congregavam e colaboravam a uma escala verdadeiramente maciça. Estima-se que quinhentas pessoas de diferentes bandos ou tribos tenham tido que trabalhar em conjunto para extrair e levar os megálitos de calcário até à colina. A motivação era a adoração de um deus ou deuses que nos são desconhecidos e o cumprimento

de um dever sagrado. Não há indícios de que alguém alguma vez tenha vivido em Göbekli Tepe: era um local de peregrinação e culto.

Segundo a interpretação convencional, acreditava-se que feitos desta envergadura só se tornaram possíveis quando um excesso de produção de cereais libertou parte da comunidade dos encargos da subsistência diária e lhe permitiu dedicar-se a tarefas especializadas, não produtivas. Ou seja, depois da invenção da agricultura e das povoações. Mas Göbekli Tepe revirou essas ideias de cabeça para o ar. Os mais precoces construtores e adoradores no cimo da colina eram sustentados por uma espantosa abundância de caça e de plantas. Essa profusão de alimentos selvagens, em coexistência com um sofisticado sistema religioso, encorajou o *Homo sapiens* a efetuar alterações radicais na sua forma de vida e nas estruturas tribais que existiam há mais de 150 000 anos.

O templo surgiu antes da quinta; pode mesmo ter tornado a quinta necessária para alimentar uma população instalada e devotada ao culto. A cartografia genética mostra que as primeiras estirpes de trigo *einkorn* domesticadas tiveram origem num local a trinta e poucos quilómetros de Göbekli Tepe, cerca de quinhentos anos depois de terem começado os trabalhos no santuário. Por essa altura, os pilares em forma de T tinham sido erigidos em cumes de toda a área, e junto a eles tinham sido criadas povoações.

Göbekli Tepe manteve-se preservada para o estudo dos modernos arqueólogos porque foi deliberadamente enterrada, por razões desconhecidas, por volta de 8000 a. C. Não foram feitas outras tentativas de construir monumentos desta escala até à construção dos templos sumérios no sul da Mesopotâmia, cerca de cinco mil anos depois. Nos milénios que decorreram, a população humana do Crescente Fértil experimentou novos estilos de vida.

A Revolução Neolítica foi rápida. Por volta de 9000 a. C., a maior parte das gentes no Crescente Fértil sobreviviam à custa de alimentos selvagens; mas, em 6000 a. C., a agricultura já estava espalhada pela região. As tribos de caçadores-coletores, com as suas dietas variadas e vidas nómadas, deram lugar, ao longo de muitas gerações, a comunidades agrícolas sedentárias, dedicadas ao cultivo de um punhado de cereais fundamentais e a criar gado. Jericó teve o seu início como um acampamento estabelecido por gente que combinava a caça com o cultivo de cereais selvagens; em menos de setecentos anos tinha passado a ser a casa de várias centenas de pessoas que cultivavam trigo farro, cevada e legumes; eram defendidas por uma espessa muralha e uma torre. Çatalhöyük na Turquia moderna, que no sétimo milénio

a. C. tinha uma população entre cinco e sete mil pessoas, era, em termos pré-históricos, uma comunidade de enorme dimensão.

Mas nem Jericó nem Çatalhöyük deram o salto para se tornarem cidades. Permaneceram simples povoações anafadas, sem muitas das características e dos propósitos que associamos à urbanização. Ao que parece, as cidades não foram produto de localizações favoráveis, com campos férteis e produtivos, e acesso a materiais de construção. Talvez nessas circunstâncias a vida fosse *demasiado* boa. A terra fornecia tudo aquilo de que estas comunidades necessitavam, e o comércio cobria qualquer deficiência.

As cidades surgiram inicialmente no sul da Mesopotâmia, na orla do Crescente Fértil. Havia uma teoria bem estabelecida que o explicava. Nessa região, o solo e o clima não são particularmente favoráveis. A pluviosidade é baixa; o terreno é seco e plano. A única forma de explorar o potencial deste ermo é através do aproveitamento das águas do Eufrates e do Tigre. As pessoas colaboraram em projetos de irrigação para levar água dos rios para criar terrenos agrícolas. Então, de repente, a terra passou a poder produzir grandes excedentes de cereais. Portanto, as cidades não foram produto de ambientes temperados e abundantes, mas de zonas difíceis que levaram o engenho e a cooperação aos seus limites. E assim as primeiras cidades do mundo nasceram na Mesopotâmia meridional, graças ao triunfo humano sobre a adversidade. No centro estava o templo, bem como uma elite sacerdotal e burocrática que coordenava a transformação da paisagem e a gestão de uma população fortemente concentrada.

É uma teoria convincente. Mas tal como muitas das noções que detínhamos sobre o início do desenvolvimento da civilização, foi também recentemente alvo de uma revolução. As condições que alimentaram as raízes da cidade foram de facto mais húmidas e mais equalitárias.

Os sumérios, e os povos que partilharam a sua religião, acreditavam que a primeira cidade tinha emergido do pântano primordial. As suas histórias falavam de um mundo aquático, onde as pessoas se movimentavam em barcos; e as suas ilustrações mostravam rãs, aves aquáticas, peixes e juncos. Hoje em dia, as suas cidades estão soterradas sob as dunas, num deserto estéril e hostil, muito longe do mar e dos rios principais. Os primeiros arqueólogos simplesmente não acreditavam no mito de que estas cidades do deserto tinham nascido no meio de pântanos. Contudo, a fábula das origens anfíbias da cidade está de acordo com descobertas recentes sobre mudanças ecológicas no sul da Mesopotâmia.

Uma alteração climática ajudou ao início da urbanização. No quinto

milênio a. C., o Golfo Pérsico estava dois metros acima do seu nível atual, em resultado do período climático ótimo do Holocénico, durante o qual as temperaturas globais subiram e o nível do mar também. O golfo entrava mais de 200 quilómetros para norte do que acontece hoje em dia, e cobria as agora áridas regiões do sul do Iraque com grandes extensões pantanosas. Estas terras húmidas deltaicas onde o Tigre e o Eufrates entravam no Golfo transformaram-se num íman para migrantes assim que foram alteradas por esse clima ótimo. Continham uma rica variedade de alimentos nutritivos e fáceis de obter. As águas salgadas fervilhavam de peixes e moluscos; a luxuriante vegetação nas margens dos ribeiros e canais do delta oferecia proteção a inúmeras espécies de caça. Não era um local com um ecossistema único, continha vários. A planície aluvial verdejante permitia o cultivo de cereais, e o semideserto acomodava-se à criação de gado. O delta sustentava povos vindos das várias culturas do Crescente Fértil; estes migrantes trouxeram com eles conhecimentos do norte sobre coisas como construção com tijolos de lama, irrigação e produção de cerâmica. Os colonos criaram povoações em ilhas arenosas do pântano, tornando a terra estável através da construção de fundações com juncos reforçados com betume.¹¹

Muitos milénios antes, em Göbekli Tepe, comunidades de coletores tinham aproveitado a vantagem de a região ser um paraíso para a caça para construir algo maior do que eles mesmos. Algo de similar sucedeu antes de 5400 a. C. num banco de areia junto a uma lagoa, onde o deserto se encontrava com os pântanos da Mesopotâmia. Talvez as pessoas tenham começado por ver o local como sagrado porque a lagoa era uma força que dava vida. Os mais antigos sinais de vida humana ali, na ilha arenosa que se viria a chamar Eridu, são ossos de peixes e de animais selvagens, bem como cascas de mexilhões, o que sugere que este ponto sagrado era um local de festins rituais. A seu tempo, foi lá construído um pequeno santuário para honrar o deus da água doce.

Ao longo das gerações, este santuário primitivo foi reconstruído, tornando-se cada vez maior e mais sofisticado; por fim, o templo ergueu-se sobre a paisagem, numa plataforma de tijolos. A abundância, tanto de comida cultivada como caçada, que o delta oferecia permitia estes projetos de construção cada vez mais ambiciosos. Eridu acabou por ser venerado como o local exato da criação do mundo.

No sistema de crenças sumério, o mundo era um caos de água até ao momento em que o deus Enki construiu uma estrutura de juncos e a encheu com lama. Os deuses puderam assim assumir o seu lugar na terra firme,

criada a partir de juncos e lama — da mesma forma que os ocupantes originais do pântano tinham construído as suas povoações. Enki escolheu fundar o seu templo em Eridu, onde a água se transformou em terra. Para que “os deuses se pudessem instalar onde os seus corações jubilavam” — por outras palavras, nos seus templos —, Enki criou a Humanidade para os servir.

Os pântanos, situados entre o mar e o deserto, representavam a interseção da ordem e do caos, da vida e da morte. Os espantosos recursos do delta, um oásis entre ambientes hostis, alimentaram a crença de que aquele era o mais sagrado local no desenrolar da criação divina. E, no entanto, apesar de toda a abundância que oferecia, tratava-se de um lugar perigoso para viver. Quando o sol primaveril derretia grandes volumes de neve nas longínquas cadeias montanhosas da Arménia, do Tauro e de Zagros, os rios no delta tornavam-se imprevisíveis e perigosos. As aldeias de casas de juncos e inteiras parcelas cultivadas podiam ser levadas pelos cursos de água que corriam com violência. Noutras ocasiões, eram as dunas que avançavam rapidamente e sepultavam a paisagem sob a areia. O templo, firme no seu terraço, a salvo de inundações, deve ter sido um potente símbolo de permanência por entre os caprichosos turbilhões da natureza. Eridu não era apenas o local onde o mundo se tinha tornado real; o templo começou a ser visto como o local onde Enki habitava de facto. Os tijolos exigiam permanente manutenção, e assim as pessoas que iam a Eridu para adorar o deus eram convocadas para ajudar Enki a manter o caos à distância.¹²

Estes trabalhadores divinos precisavam, por sua vez, de ser abastecidos e asilados, e era necessária alguma forma de autoridade sacerdotal para distribuir as rações. Em torno do templo nasceram oficinas, dedicadas à criação de decorações adequadas à casa do deus. Eridu nunca se transformou numa cidade. Os mitos sumérios explicam porquê. Ao invés de partilhar as oferendas da civilização e da urbanização, Enki manteve-as guardadas no seu templo, por egoísmo. Isso durou até que Inanna, ladra sagrada e deusa do amor, sexo, fertilidade e guerra, se dirigiu de barco a Eridu e embebedou Enki. Enquanto este dormia para cozer os seus excessos com a cerveja, Inanna roubou o conhecimento sagrado e levou-o pelas águas salobras até à sua própria ilha pantanosa, Uruk. De volta ao lar, ela libertou a sabedoria divina.

Esta história mitifica o que aconteceu na realidade. Eridu inspirou imitações; locais sagrados similares surgiram nas ilhas construídas pelo pântano. Num dos montes de conceção humana nas margens do Eufrates foi erigido um templo dedicado a Inanna. Era conhecido como Eanna, a “Casa do Paraíso”. Não muito longe ficava outro templo, num monte chamado

Kullaba, domicílio de Anu, deus do céu. Os povos do pântano começaram a prestar culto e a povoarem o local por volta de 5000 a. C.

Ao longo dos séculos seguintes, estes dois bairros dos templos de Eanna e de Kullaba foram reconstruídos sucessivamente, com cada vez maiores ambições e mais atrevimento arquitetónico. Os dois montes, a cerca de 800 metros de distância um do outro, acabaram por se fundir, criando-se assim uma área povoada maior, conhecida como Uruk. Se o templo de Eridu tinha sido reconstruído várias vezes, mas segundo as mesmas linhas, o povo de Uruk optou por algo de muito maior e grandioso. Era uma cultura caracterizada pela demolição e pelo dinamismo.

A sua força motriz era uma determinação coletiva para criar obras magnificentes. O delta fornecia comida em excesso, naturalmente, libertando assim muitos corpos para o trabalho pesado da construção, e cérebros para planear as obras públicas. O ambiente aquático também permitia fácil transporte por barco. As terras húmidas forneciam o combustível para a urbanização; mas fazendo-a avançar havia uma ideologia poderosa. Como explicar de outra forma o maciço investimento em tempo e trabalho físico? Não havia nada de utilitário nos complexos dos templos de Eanna e Kullaba. Os templos mais antigos assemelhavam-se ao de Eridu. Mas os construtores de Uruk fizeram grandes progressos na arquitetura, e desenvolveram técnicas completamente novas. Usaram terra compactada, impermeabilizada com betume, para construir as suas plataformas. Fizeram fundações e paredes com blocos de calcário (extraídos a mais de oitenta quilómetros da cidade) e cimento. O adobe que revestia as paredes exteriores e as colunas era decorado com mosaicos de padrões geométricos feitos de milhões de cones de terracota pintada.

Quando começavam os trabalhos num novo templo, o anterior era entulhado. Criava-se assim o coração do terraço sobre o qual a nova versão ia ser construída. Estas acrópoles gigantes, de acordo com a natureza coletiva da sua construção, eram desenhadas para serem acessíveis, e não distantes da população. Grandes escadarias e rampas para procissões davam-lhes acesso desde o nível do solo; os edifícios principais eram ladeados por filas de colunas, abrindo o interior ao mundo; eram rodeados por pátios, passagens, terraços, oficinas e jardins bem irrigados. Estes grandes edifícios tornaram-se o núcleo em torno do qual a cidade cresceu até atingir uma área de 400 hectares de estreitas e apinhadas ruas, onde se acolhiam dezenas de milhares de cidadãos.¹³

Depois, porém, na segunda metade do quarto milénio a. C., o sul da

Mesopotâmia foi afetado por outro episódio de rápida alteração climática. Uma rápida subida das temperaturas anuais em conjunção com uma descida da pluviosidade levou a que o nível das águas dos dois grandes rios descresse. A linha de costa do Golfo Pérsico recuou do seu máximo do Holocénico médio. Os pântanos e cursos de água que tinham dado vida a Uruk começaram a ver-se assoreados e a secar.

A transformação desta paisagem há cinco mil anos obscureceu durante muito tempo a origem pantanosa da urbanização. Mas ao serem vistos num contexto global e à luz de algumas descobertas muito recentes, os acontecimentos da Mesopotâmia estão longe de ser únicos. Onde quer que as cidades tenham surgido em isolamento, tal foi devido às condições ótimas das zonas húmidas. O primeiro centro urbano das Américas, San Lorenzo, no México atual, situava-se em terreno elevado e dominava uma rede de rios que serpenteava pelo delta pantanoso e alimentava o Golfo do México. Tal como os primeiros construtores de Eridu e Uruk, o povo olmeca de San Lorenzo, no segundo milénio a. C., era constituído por pescadores e coletores, que beneficiavam do seu ambiente aquático quente e húmido; e, tal como Eridu, era um local de culto, famoso pelas suas colossais cabeças de deuses em pedra. As primeiras cidades que emergiram na China durante a dinastia Shang, contemporânea dos olmecas (1700-1050 a. C.), surgiram na planície aluvial pantanosa do baixo Rio Amarelo. E no antigo Egito, a grande capital de Mênfis foi fundada no ponto onde o delta e o Nilo se encontravam. A história segue também uma trajetória similar em África subsaariana, onde as primeiras urbanizações ocorreram em Djenné-Djenno por volta de 250 a. C., nos terrenos pantanosos do interior do delta do Níger, no que é agora o Mali.¹⁴

As primeiras cidades não emergiram completamente formadas do pântano, evidentemente; nem nasceram sem uma considerável interação com outras sociedades distantes. Pelo contrário, aquelas aliantes terras húmidas atraíram gentes de diferentes culturas; e estas trouxeram consigo técnicas de construção, crenças, ferramentas, agricultura, ofícios, comércio e ideias. O clima em mudança fez do sul da Mesopotâmia o lugar mais densamente povoado de toda a Terra.

Nestas condições húmidas e imprevisíveis, as cidades permanentes eram propostas francamente atraentes. Forneciam uma evidência do triunfo da Humanidade sobre a Natureza. Eridu foi criada por uma colisão entre fé e topografia. Os recursos das zonas húmidas, superabundantes, nutritivos e que se repunham rapidamente sem intervenção humana, não se limitaram

a provocar a nascença das cidades, mas deram-lhes também a energia para crescerem e se tornarem mais complexas do que quaisquer outros aglomerados populacionais.¹⁵

Quando o ambiente sofreu uma transformação radical no sul da Mesopotâmia, os estilos de vida associados às zonas húmidas desapareceram. Contudo, por essa altura, a civilização urbana, ao fim de um milénio de desenvolvimento, estava madura. O recuo dos pântanos deixou Uruk a seco. Mas a história da urbanização é em grande medida a da adaptação dos seres humanos ao seu ambiente em mudança, e da adaptação do ambiente pelos humanos, para servir os seus fins.

Sem o seu anterior meio de subsistência, os lavradores das zonas húmidas procuraram refúgio na cidade, o que teve como resultado que a baixa Mesopotâmia tenha tido cerca de 90% da população urbanizada. Este grande grupo de gente, com uma longa tradição de arquitetura e engenharia, foi capaz de ultrapassar o desafio da alteração climática, e de explorar o novo potencial das planícies aluviais, construindo para isso vastos sistemas de irrigação capazes de garantir a subsistência a uma população substancial. A agricultura surgiu antes da cidade, seguramente; mas uma revolução agrícola desta dimensão foi produto da revolução urbana.

*

Uma cidade nunca é apenas um conjunto de edifícios: o que a diferencia de outras povoações não é tanto a sua fisicalidade como as atividades humanas a que serve de incubadora. Na cidade, as pessoas podem ter profissões que são impossíveis na aldeia ou na quinta. Uruk era conhecida como “a forja dos deuses”, um lugar famoso pelos seus ourives de enorme capacidade, pela fundição do cobre, pelos metalúrgicos e joalheiros. Uma proporção significativa da população era constituída por artífices de talento, que trabalhavam diversos materiais, incluindo pedra, metais e gemas. As matérias-primas de luxo de que a cidade necessitava não estavam disponíveis na sua vizinhança. A alteração do clima, porém, tinha feito mais do que providenciar colheitas abundantes. As redes de canais que em tempos tinham serpenteado pelo pântano salobro foram convertidas numa grelha de canais urbanos que ligavam a cidade a essa portentosa conduta para o comércio, o Eufrates.¹⁶

As ilhas que hoje em dia constituem o Bahrein forneciam madrepérola e conchas raras. Ouro, prata, chumbo e cobre vinham do leste da Anatólia, do Irão e da Arábia. Os artífices de Uruk procuravam avidamente obsidiana,

quartzo, serpentina, pedra-sabão, ametista, jaspe, alabastro de gesso, mármore e outros materiais atraentes. Das montanhas do Afeganistão e do norte do Paquistão, a mais de 2300 quilômetros de distância, vinha o fortemente desejado lápis-lazúli de tons profundos; cornalina e ágata vinham de ainda mais longe, da Índia. As casas dos deuses exigiam esses sumptuosos materiais para as embelezar. Mas os meros mortais podiam também ostentar joias, armas, taças e outros recipientes ricamente ornados. Podiam também saborear vinho e azeite que chegavam em barcos repletos de bens.¹⁷

A antiga Uruk estava dividida em bairros *ad hoc*, cada um deles caracterizado por uma particular ocupação especializada. Indivíduos e famílias trabalhavam nos pátios das suas casas ou nas suas oficinas. A densidade das edificações e a disposição da cidade, com as suas ruas frescas e sombreadas, encorajava ao convívio e à mistura — que por sua vez levava à troca de ideias, à experimentação, à colaboração e à intensa competição. O feroz dinamismo e rápido crescimento de Uruk muito deviam ao seu papel como motor do comércio.

A *Epopéia de Gilgamesh* levanta sobre a cidade questões que surgem como surpreendentemente modernas. Como e porque é que o povo escolheu a opção de Enkidu, e se estabeleceu em cidades, para começar? E que preço pagou ao trocar a primitiva liberdade pelos confortos da cidade? A invenção da cidade é comparativamente recente, e a nossa experiência dela representa uma porção minúscula do nosso tempo neste planeta. Porquê trocar um estilo de vida nómada e livre pelo entorpecimento num ambiente construído e congestionado? Como pode uma espécie que evoluiu ao longo de incontáveis milénios para viver num ambiente adaptar-se a outro que é quase completamente diferente? E qual foi o custo psicológico disso?

Os autores da *Epopéia de Gilgamesh* colocaram a si próprios várias variantes destas questões. Como muitos outros ao longo da história, o semi-divino, semimortal rei de Uruk, Gilgamesh, acha a vida da cidade um peso indesejável. Dirige e comanda os habitantes citadinos com a energia de um touro feroz. O homem selvagem Enkidu foi criado pelos deuses como um companheiro para ajudar a domar Gilgamesh. De certa forma, Enkidu e Gilgamesh formam uma entidade dual — o nosso instinto natural, rural, em guerra com o nosso Eu urbano e civilizado. Complementam as energias e forças um do outro, e assim o urbano Gilgamesh e o selvagem Enkidu tornam-se amigos do peito. Enkidu encoraja Gilgamesh a procurar um escape para as suas paixões, aventurando-se centenas de quilómetros até às florestas de cedros do Monte Líbano — o domicílio secreto e proibido dos deuses — para lá

enfrentar o seu guardião gigantesco e monstruoso, Humbaba. Um homem só pode ser verdadeiramente um homem, é-nos dito, quando se confronta com a Natureza, longe dos luxos anestésicos da cidade. A conquista da floresta trará a Gilgamesh a fama e honra eternas que ele almeja.

Mas também lhe dará outra coisa. As cidades do sul da Mesopotâmia, como Uruk, tinham falta de materiais de construção, e o cedro do Monte Líbano era um material muito procurado por arquitetos e construtores. Por exemplo, só o telhado de um dos numerosos templos de Uruk exigiu entre três e seis mil metros de madeira. Gilgamesh e Enkidu avançaram para uma guerra à Natureza para bem da cidade. O agora civilizado Enkidu jura que abaterá o mais magnífico dos cedros e o levará centenas de quilómetros pelo Eufrates abaixo. De regresso ao mundo urbano, vai transformá-lo numa imponente porta para o templo.

Os heróis conseguem derrotar e matar o gigante, e abater um maravilhoso conjunto de cedros para a cidade. Inchado de orgulho, contudo, o par heroico ofende ainda mais os deuses. Gilgamesh rejeita os avanços sexuais de uma deusa, que retalia, enviando o Touro Celeste para destruir Uruk e matar Gilgamesh. Mas Gilgamesh e Enkidu abatem a criatura. Este ato final de soberba enraivece profundamente os deuses; enviam uma doença fatal, que atinge Enkidu.

Enquanto jaz no leito de morte, Enkidu amaldiçoa Shamat, a prostituta que o seduziu e o afastou da vida livre e inocente que levava na Natureza. Amaldiçoa a porta que fez do cedro sagrado. A decisão que tomou, de trocar a vida natural pela civilizada, roubou-lhe a força e fez dele um fraco.¹⁸

As cidades têm sido assassinas mortíferas. Dá até a ideia de que uma cidade como Uruk, com toneladas de dejetos humanos e animais a serem despejados em águas estagnadas, foi construída de propósito para benefício dos micróbios. Nas Manchester e Chicago industriais do século dezanove, 60% das crianças morriam antes de completarem cinco anos, e a esperança de vida ficava-se pelos vinte e seis, comparados com números de 32% e 40 no campo. Ao longo da maior parte da História, as cidades têm sido sítios de onde se deve tentar escapar. No século vinte, nos EUA e na Europa, ocorreu uma fuga ininterrupta da cidade, presa do crime e congestionada, para a terra prometida dos subúrbios folhosos. Nos anos 90 do último século, ao fim de décadas de crise urbana, 60% dos nova-iorquinos e 70% dos londrinos confessavam que prefeririam viver noutra sítio. Investigações recentes, com recurso à ressonância magnética, para compreender os processos neurais associados à vida urbana, revelaram que os que cresceram no seio das tensões

sociais do frenético ambiente citadino possuem menos matéria cinzenta no córtex pré-frontal dorsolateral direito e no córtex cingulado anterior pregenual. Estas são regiões cruciais do cérebro, que regulam a nossa capacidade de processar as emoções e as tensões. A cidade transforma o nosso cérebro: os habitantes urbanos são assim muito mais dados a sofrer de desordens da disposição e de ansiedade do que os habitantes do campo. Crime, doença, morte, depressão, decadência física, pobreza e sobrepopulação fizeram frequentemente da cidade um local de sofrimento, onde se sobrevivia como se podia.¹⁹

Até a medicina e o saneamento melhorarem no século vinte, as cidades precisavam de uma corrente ininterrupta de novas almas para manter a sua população e compensar os que eram perdidos devido a doenças (sobretudo bebés e crianças). Como muitos outros, Enkidu descobriu o elevado preço que se paga por entrar na cidade. A sua morte parte o coração do seu adorado camarada, Gilgamesh. O desalentado herói passa a ver a cidade como uma representação não do pináculo dos cometimentos humanos, mas da morte. Renuncia a Uruk e procura consolo na Natureza, percorrendo a vastidão agreste usando apenas as peles de animais selvagens, numa imitação do seu amigo morto.

Gilgamesh acredita que pode enganar a morte ao procurar a união com a Natureza. A sua busca pela vida eterna leva-o aos confins do mundo, em busca de Utnapishtim. Na alvorada do tempo, o deus Enlil tinha ficado farto do barulho e da agitação dos humanos nas suas cidades; querendo recuperar o silêncio e o sossego, enviara uma grande inundação para os destruir. O plano foi, contudo, contrariado por outro deus, Enki, que ordenou a Utnapishtim que construísse uma grande arca e a enchesse com a sua família, bem como com sementes e casais de animais. Quando a inundação amainou, foi permitido aos sobreviventes que repovoassem o planeta, já que os deuses tinham descoberto que passavam fome se não tivessem pessoas para os servir. Como recompensa por terem preservado a vida, Utnapishtim e a sua esposa receberam a imortalidade; Gilgamesh quer descobrir o seu segredo. Ao fim de muitas aventuras, Gilgamesh chega a casa de Utnapishtim. E é lá que por fim o herói acaba por aprender a dolorosa lição de que a morte é uma inevitável condição da vida.

A epopeia começou com um hino de louvor a Uruk. No seu final, Gilgamesh completou um círculo. Depois dos rigores da sua demanda e da sua rejeição da civilização, ele regressa à cidade e atinge por fim a verdadeira compreensão. Os indivíduos podem ter a morte como destino, mas os

poderes coletivos da Humanidade sobrevivem graças aos edifícios que ela erige e ao conhecimento que grava nas tábuas de argila. Gilgamesh constrói grandes muralhas em Uruk e usa a escrita (também ela inventada em Uruk) para deixar a sua história para a posteridade. Tanto as muralhas como a epopeia são monumentos eternos que lhe asseguram a imortalidade que tão desesperadamente procurou nos ermos selvagens.

Apesar de ter viajado até aos confins da Terra, o magnetismo de Uruk puxa-o de volta: a cidade tornou-se a força que controla o destino dos homens. No fim da epopeia, Gilgamesh convida com orgulho o barqueiro que o trouxe dos confins do mundo para casa a “passear nas muralhas de Uruk... quem, entre os humanos, alguma vez se lhes pode comparar? Vai, caminha; passeia — contempla as fundações. Não são elas magníficas? Não foram os Sete Sábios, eles mesmos, a dispô-las?”²⁰

Gilgamesh regressa da orla do mundo para lembrar aos cidadãos de Uruk que a sua cidade foi uma dádiva dos deuses, e a mais bela das coisas que cobriam o mundo: a sua demanda serve, em última instância, para renovar a fé na vida urbana.

As divindades sumérias não residiam em fontes ou bosques, nem nas nuvens, e sim no coração de cidades reais, físicas, como Uruk. Os sumérios eram o povo escolhido para viver com os deuses nas suas hiperavançadas cidades, enquanto o resto da Humanidade se arrastava numa vida nómada, coberta de peles, ou dedicada à agricultura de subsistência. Apesar de todas as tensões da vida na cidade, os habitantes urbanos gozavam da abundância dos deuses — a escrita, por exemplo, bem como uma série de privilégios como a cerveja, alimentos exóticos, tecnologias, bens de luxo e arte magnífica.

Para os sumérios, a cidade e a Humanidade tinham sido criadas ao mesmo tempo, no momento em que o mundo tinha nascido. Não existia nenhum Jardim do Éden; a cidade era um paraíso, não uma punição, um bastião contra a imprevisibilidade da Natureza e a selvajaria de outros seres humanos. Essa crença na origem divina das cidades dava à sua civilização urbana uma durabilidade verdadeiramente notável.²¹

Em todos os locais onde a urbanização inicialmente surgiu, as cidades foram planeadas como forma de alinhar as atividades humanas com as subjacentes ordem e energia do Universo. As primeiras cidades chinesas, desenhadas num quadrado dividido em nove mais pequenos, com as ruas orientadas segundo as direções da bússola, eram um espelho da geometria celeste. Tanto nas cidades como no céu, a energia divina (*qi*) irradiava do centro para

a periferia. Este padrão sobreviveu na China desde o segundo ou o primeiro milênio a. C. até 1949, quando foi instaurada a República Popular. As cidades maias tinham as suas ruas alinhadas com o equinócio, recolhendo assim os poderes sagrados do Universo ao replicarem o padrão das estrelas. Não eram apenas locais sagrados: tal como nas metrópoles mesopotâmicas, eram o lugar onde os mortais estabeleciam uma ligação direta com os deuses. Este impulso para construir um simulacro ordenado dos céus — uma estrutura organizada que capturava as forças primevas do caos — explica parcialmente a razão de povos diferentes, em diferentes locais do mundo, terem começado a construir povoações de forma independente.

As cidades são grandes, impessoais e alienantes. Dependem da cooperação de milhares (mais tarde, milhões) de indivíduos desconhecidos; a sua densidade e escala levam ao limite a nossa capacidade de tolerar estranhos. São vulneráveis à fome, às doenças, à guerra. Requeriam formas brutais de compulsão para a construção de muralhas e templos, e para a escavação e manutenção de sistemas de irrigação. Não deviam funcionar.

Mas funcionam, claramente. A história de Uruk e as razões para o nascimento das primeiras cidades apontam um caminho para achar respostas a essa questão. A civilização urbana mesopotâmica a que Uruk deu o impulso inicial durou perto de quatro mil anos, e sobreviveu a guerras, desastres ambientais e colapsos económicos; testemunhou a ascensão e queda de numerosos impérios e reinos, e resistiu para lá da existência de todas essas poderosas criações. Tal civilização dependia menos da resiliência dos seus edifícios do que da robustez da sua ideologia. Viver numa cidade é trabalho árduo, e profundamente antinatural. A lenda de Gilgamesh foi uma das histórias que os habitantes urbanos contaram a si mesmos ao longo das gerações para se recordarem bem do poder e da potência das suas cidades. A vida na cidade — um estilo de vida negado à maior parte da Humanidade — era um privilégio divino, e não uma maldição.

*

Uma cidade com tamanhas necessidades e tão poucos recursos tinha de comprar a sua existência. Ao longo do chamado “Período de Uruk”, durante o quarto milênio a. C., artefactos de Uruk tornaram-se comuns por toda a Mesopotâmia, Anatólia, o Irão, a Síria e até o Paquistão. A cidade comercializava os dispendiosos artigos de luxo que eram produzidos pelos seus habilidosos artífices. Contudo, também exportava artigos utilitários. Devido à sua

numerosa população e à adoção de novas tecnologias, Uruk conseguia fazer isto numa escala que até ali tinha sido impossível, empregando as primeiras técnicas de produção em série.

Várias valas e fossas encontradas em Uruk indicam a presença de uma fundição de cobre de larga dimensão, em que teriam trabalhado cerca de quarenta pessoas. Muitas das cidadãs da cidade teciam lã para criar tecidos de qualidade utilizando teares de solo horizontais, um método que lhes permitia manter uma produção volumosa. A comunidade de oleiros de Uruk empregava duas inovações cruciais: o forno em colmeia mesopotâmico e a roda de oleiro. O forno providenciava temperaturas muito mais elevadas, ao mesmo tempo que protegia as peças das chamas. Em tempos anteriores, os oleiros usavam uma mesa rotativa, um disco de pedra ajustado numa peça que era impulsionada à mão. No período de Uruk, um volante era colocado em movimento por uma alavanca ou pelo pé; o volante estava ligado por um eixo a uma mesa de trabalho superior, sobre a qual a argila era colocada. Esta tecnologia permitia aos trabalhadores de Uruk fazer potes mais depressa e com muito melhor qualidade. Produziam assim loiça de mesa de textura requintada e leve para o mercado de luxo. Mas também eram capazes de produzir grandes quantidades de material mais grosseiro, como recipientes de tamanho padronizado e os grandes recipientes que permitiam exportar grandes quantidades de outros bens.

Esta rápida série de invenções e melhorias foi possível quando os seres humanos se agruparam num ambiente denso e competitivo. Uma inovação levou a outra. As altas temperaturas dos fornos dos oleiros foram usadas para experiências metalúrgicas e de processos químicos. Os barqueiros mesopotâmicos foram os primeiros a empregar velas. É um facto memorável e contraintuitivo que a invenção da cidade foi muito anterior à da roda. De facto, o mais provável é que a cidade tenha criado tal necessidade, e ao mesmo tempo fornecido a tecnologia e o poder mental coletivo que tornou possível a combinação roda-eixo. Uruk possuía carpinteiros capazes, com a capacidade e as mais recentes ferramentas de cobre fundido que lhes permitiam criar buracos perfeitamente redondos onde encaixar os eixos. Os habitantes de Uruk tinham também necessidade de produzir grandes quantidades de recipientes de forma a poder trocá-los por materiais preciosos e a acomodar as suas exportações.

A informação era partilhada ao longo de vastas áreas: rodas de carroças de carga foram encontradas na Ucrânia, na Polónia, no Cáucaso e na Eslovénia, bem como nas urbes do sudoeste asiático. Não é surpresa que o

quarto milênio a. C. tenha assistido a um surto de desenvolvimento tecnológico e de difusão de ideias por vastos territórios. As grandes e dispersas redes comerciais que irradiavam para toda a região eram vetores de ideias. Mercadores de Uruk viajavam por estas rotas e estabeleciam entrepostos comerciais nas áreas onde obtinham materiais e vendiam os seus artigos. Com eles seguiam não apenas a atração da riqueza mas também ideias radicais sobre a forma de viver.

A inovação de Uruk inspirou muitos imitadores, que saltaram para a carroça da urbanização. A noroeste de Uruk já existiam povoações com uma densidade populacional variada. Jericó, Çatalhöyük e Tell Brak são os melhores exemplos de povoações de dimensão razoável. Mas Uruk era de uma ordem completamente diferente. Em vários locais dos modernos Iraque, Irão, Turquia e Síria, os arqueólogos encontraram templos e edifícios públicos construídos segundo o modelo de Uruk, e com os mesmos materiais usados em Uruk. Nas planícies férteis do sul da Mesopotâmia, dúzias de novas cidades começaram do nada, e algumas delas, a seu tempo, conseguiram rivalizar com e até ultrapassar Uruk — cidades como Ur, Kish, Nippur, Umma Lagash e Shuruppak. Se Uruk foi uma experiência sobre a forma como os humanos poderiam viver e prosperar em conjunto, revelou-se francamente atraente. As pessoas adotaram a ideologia religiosa de Uruk, os seus hábitos dietéticos e as suas estruturas sociais. Tal como uma grande vagem cheia de sementes, Uruk espalhou a sua cultura por uma vasta área. Era a cidade-mãe, a metrópole original do mundo.²²

Esta já não é apenas a história de uma cidade singular, e sim de uma rede de cidades interligadas, que partilhavam uma cultura e um sistema de comércio. Esta constelação de povoações urbanizadas multiplicou as oportunidades para a interação e a fertilização cruzada de ideias e tecnologias. E com esta maior complexidade da atividade humana, surgiram desenvolvimentos tão importantes como a roda.

A evidência da influência cultural de Uruk chega-nos de duas formas principais. A chamada tigela de borda chanfrada tem um ar descuidado, que indica a velocidade a que era produzida em série; podemos mesmo chamar-lhe descartável. Deitada fora depois de usada, é a versão pré-histórica de um copo de cartão. Feita em Uruk, a tigela de borda chanfrada é encontrada em quantidade incontável em locais por todo o sudoeste asiático.

Estas malgas eram de tamanho e forma padronizadas. A sua utilização é alvo de debate aceso. Parece certo que a sua função original era religiosa. Cheias de comida ou de cerveja, eram usadas como recetáculos

para oferendas quotidianas no templo. Por sua vez, o pessoal do templo usava-as como unidades de medição na distribuição de comida em troca de trabalho efetuado ou de serviços prestados. Os templos estavam no centro de uma rede complicada e fortemente ritualizada de distribuição de comida, na qual os membros da comunidade eram compensados de acordo com as contribuições que faziam. A humilde malga de borda chanfrada tinha outra função. A medida de uma tigela padronizada era chamada uma *sila*. A *sila* tornou-se a medida universal de valor, uma espécie de moeda baseada na cevada que estabelecia o valor de, por exemplo, um dia de trabalho, uma ovelha, ou uma jarra de azeite. O sistema da *sila* foi instaurado em Uruk e espalhou-se pela região, como forma de facilitar o comércio. E eis um exemplo de outra invenção que emergiu do fermento criativo da cidade: o dinheiro.

Mas ter que andar para todo o lado com grandes quantidades de cereais como forma de pagamento não é eficiente. E isso leva-nos ao segundo artefacto de Uruk que se encontra profusamente nos locais das antigas cidades: o selo cilíndrico.

Feitos de uma variedade de materiais — calcário, mármore, lápis-lazúli, cornalina e ágata, entre outros —, estes cilindros com cerca de 2,5 centímetros de altura tinham gravações de motivos pequenos e intrincados, como deuses, cenas da vida quotidiana, barcos, templos e animais, tanto reais como fantásticos. Quando eram rebolados sobre argila húmida, deixavam uma impressão pouco profunda da imagem. As tábuas de argila que resultavam desse processo eram marcas de identificação e transmissoras de informação. Neste novo mundo de comércio à distância, estas tábuas serviam como marcas para as exportações, recibos de compras e selos de garantia que protegiam cargas e silos de manipulações indesejadas.

As marcas dos selos são também encontradas em pequenos envelopes de argila chamados bulas. Estes recipientes permitiam armazenar fichas de argila, feitas na forma de uma mercadoria — um rolo de tecido, por exemplo, ou um jarro de azeite ou cereal. As bulas eram contratos que especificavam as mercadorias que deviam ser entregues ou o trabalho a ser executado no futuro, e os negócios ficavam marcados na argila húmida pelas marcas das partes que concluíam o contrato. Em Uruk, os depósitos destes “contratos” e promissórias de dívidas eram os templos, os bastiões da confiança financeira, tão poderosos como o Banco de Inglaterra num tempo muito posterior. A fé nos deuses e a fé no sistema financeiro iam a par. De facto, as pessoas devem ter sido atraídas para a vida na cidade para estarem fisicamente

próximas do local onde as transações financeiras eram feitas e depositadas. Quando as transações eram concluídas, as bulas eram abertas e as fichas correspondentes ao negócio eram extraídas para garantir que o contrato tinha sido satisfeito, pondo fim ao acordo antes celebrado.

Se nas tigelas biseladas podemos ver os começos do dinheiro na sociedade humana, as bulas marcam as origens da finança. Contudo, a vida urbana tornou-se tão complicada que as fichas e os selos não eram suficientes para manter registos de todas as coisas. Os selos e as bulas começaram a codificar mais e mais informação. Primeiro veio uma forma de determinar quantidades de tempo e bens. As bulas e as tábuas de argila começaram a registar quantidades num código numérico abstrato, o primeiro sistema numérico da história. Mas os números por si só eram inúteis. Cada mercadoria — o cereal, por exemplo, ou cerveja, tecidos e metais — que era armazenada ou trocada tinha um pictograma e um valor numérico que indicava a quantidade, o trabalho requerido, as rações pagas, as distâncias percorridas. Na sua forma precoce, estes símbolos eram simples imagens da mercadoria em questão — uma espiga, uma ovelha, uma jarra, ou uma linha ondulada que indicava um líquido — desenhadas na argila húmida com um estilete afiado, e acompanhadas por um número.

Mas a argila não é um meio adequado para produzir imagens precisas, e algumas “coisas” não se prestam a ser representadas por desenhos simples; ao longo do tempo, os pictogramas alteraram-se e tornaram-se sinais muito diferentes dos objetos que supostamente representavam. Através do estilete triangular de Uruk, eram criadas na argila marcas em forma de cunha, baseadas nos sons usados na linguagem falada. Com este salto em frente, o escriba podia transmitir muito mais informação do que era possível com os pictogramas. Estas marcas em cunha — conhecidas como escrita cuneiforme — foram os primeiros passos na direção da escrita.

Uruk não era apenas um armazém de seres humanos; tornou-se um centro de processamento de dados. Nenhuma sociedade na História até àquele ponto tinha tido que gerir uma tão imensa quantidade de informação. As marcas na argila foram inventadas pelos contabilistas de Uruk para compensar as deficiências da memória humana, que não podia comportar tamanha quantidade de dados. Um milénio e meio depois, o autor da *Epopéia de Gilgamesh* gabou as muralhas e os edifícios monumentais de Uruk. Imediatamente a seguir ao hino de glorificação à cidade física que dá início à história, vem esta passagem: “Procura a caixa de cobre com as

tábuas, abre a sua fechadura de bronze, escancara a porta do seu segredo, extrai a tábua de lápis-lazúli e lê-a, a história do homem Gilgamesh, que sofreu todos os tipos de tormento.”

Eis aqui, portanto, as duas dádivas de Uruk ao mundo: a urbanização e a palavra escrita. A primeira realização levou à segunda. Esta não era uma sociedade receosa de inovações radicais ou de atacar as formas estabelecidas de pensamento. A escrita e a matemática emergiram do caldeirão urbano como técnicas administrativas para gerir a complexidade. Uma das mais antigas tábuas descobertas é um recibo escrito na argila. O que diz? “29 086 medidas de cevada. 37 meses. Kushim.”²³

Regista a quantidade da mercadoria, o tempo em que devia ser entregue ou esperada e o nome do contabilista. Tudo isto era rotina. Mas recordem-se do nome: Kushim é a primeira pessoa na História de quem conhecemos o nome. Kushim não era um rei nem um sacerdote, um guerreiro ou um poeta. Nada de tão importante: o indivíduo que primeiro conhecemos pelo nome era um diligente manga-de-alpaca de Uruk, que passou a vida na cidade, a cuidar de contas e a passar recibos.

Kushim e os seus similares eram os soldados rasos num radical assalto às formas antigas de fazer as coisas. Em grande medida, como os arquitetos, metalúrgicos, cervejeiros, tecelões e oleiros da cidade em expansão, Kushim e os seus colegas contabilistas procuravam uma forma de refinar as suas práticas. No caso de Kushim, isso queria dizer experimentar com as mais precoces formas de linguagem escrita e de matemática. Ele pode ter conseguido manter registos meticulosos a detalhar a posse e os movimentos de bens; pode ter redigido contratos legais e feito pagamentos, feito previsões de colheitas de cereais, calculado juros e gerido dívidas; mas Kushim não conseguiu inscrever na argila os seus pensamentos íntimos. Foram precisas gerações de Kushims, cada um deles adicionando o seu contributo para o edifício do conhecimento e adaptando pouco a pouco a sua notação, até que a escrita parcial do contabilista tenha evoluído para um texto completo, capaz de transmitir a profundidade emocional e a criatividade poética de *Gilgamesh*.

Na confusão da cidade em crescimento, homens como Kushim eram algo de inteiramente novo nos negócios humanos: administradores e burocratas profissionais. Geriram a explosão do comércio, redigindo e fazendo respeitar contratos, assegurando pagamentos e justiça. Os seus selos encontram-se por todo o lado nas rotas comerciais. Mas eles tiveram um impacto ainda mais profundo na sua sociedade. Os registos escritos

marcaram a transição de uma sociedade cara-a-cara, baseada na comunicação oral e na memória, para outra, anonimizada, baseada em registos e arquivos.

Gerações de administradores como Kushim contribuíram para um sistema administrativo escorreito. No quarto milénio a. C., Uruk era um antro de invenção tecnológica. Havia as tecnologias de produção e locomoção, claro, como o tear e a roda. Mas talvez mais importantes eram as tecnologias de controlo. A escrita, a matemática e a finança eram técnicas vigiadas de perto, reservadas a uma elite administrativa e sacerdotal. Os que as possuíam detinham o poder.

E este poder mudou à medida que a sociedade se tornou mais sofisticada, ao longo dos séculos. Um burocrata profissional como Kushim possuía competências altamente especializadas, conseguidas ao longo de uma vida de treino. O mesmo se podia dizer de um ourives, um arquiteto, um artista ou um mestre oleiro, e de muitos outros, à medida que a cidade crescia e o comércio florescia. Numa cidade fundada sobre a distribuição ritualizada de comida, tornou-se evidente que alguns mereciam mais do que outros. Uruk tornou-se uma sociedade estratificada, graduada segundo a riqueza, as competências e o poder cívico.

É este, assim, o lado negro da urbanização na História humana. O que talvez tenha tido início como um empreendimento consensual, comunitário, evoluiu para uma sociedade fortemente centralizada, e fortemente desigual. Provavelmente não ocorreu uma mudança súbita, nem um assalto ao poder: cada geração prosseguiu o trabalho da anterior, e os avanços na eficiência foram pagos com pequenos sacrifícios de liberdade e igualdade. Recompensar o trabalho com ofertas de comida do templo benevolente tornou-se, a seu tempo, uma forma de forçar a execução de trabalho pesado através do controlo das rações. Os registos escritos estabeleceram a posse, criaram dívida e tornaram as obrigações inescapáveis. Quem trabalhava com o físico e não com o cérebro dava por si mais pobre e com um estatuto mais baixo do que os especialistas e administradores.

As cidades da dimensão de Uruk sempre precisaram de mais corpos para fazer o trabalho sujo do que aqueles que a Natureza podia providenciar por via da procriação. Uma tábuca de um contabilista dá-nos mais três nomes a adicionar ao de Kushim: Gal Sal, En-pap X e Sukkalgir. E, tal como Kushim, eles dizem-nos como a sociedade humana estava a mudar rapidamente no caldeirão urbano. En-pap X e Sukkalgir eram escravos que pertenciam a Gal Sal. O trabalho forçado tornou-se uma importante mercadoria, à

medida que a cidade exigia cada vez mais poder muscular para construir os templos, abrir os canais de irrigação, lavrar os campos e simplesmente manter a complexa maquinaria urbana em andamento. Ao fim do quarto milênio a. C., as imagens nos selos de Uruk começam a mostrar aspectos ameaçadores da vida na cidade: prisioneiros amedrontados, de mãos atadas, vigiados de perto por guardas armados.

Estes miseráveis escravos eram evidência de outro subproduto da cidade: a guerra organizada. As muralhas de Uruk foram construídas na parte inicial do terceiro milênio a. C. Eram um sinal da nova realidade: por essa altura, o momento em que Uruk detivera um poder sem rival já tinha passado. O seu sistema de comércio e burocracia baseada no templo tornou-se impossível de sustentar num mundo mais duro. As sementes de Uruk tinham germinado, e a cidade recolhia uma colheita amarga; rivais recém-criadas floresciam na planície mesopotâmica. O seu nascimento marcou uma nova era, de competição entre tecnologias militares, exércitos e senhores da guerra.

Nas ruínas dos templos de Uruk, os arqueólogos encontraram maças, fundas e pontas de flechas. O magnífico templo de Eanna foi destruído, numa guerra ou por uma população revoltada. No terceiro milênio a. C., a Mesopotâmia ficou marcada por alianças volúveis entre uma dúzia de cidades-estado fortemente organizadas. A paz foi interrompida com frequência, já que havia disputas sobre terra e água que conduziam a batalhas. A guerra alimentava o crescimento da cidade: mais e mais pessoas acorriam ao seu abraço protetor. Grandes muralhas defensivas caracterizaram esta idade de violência entre cidades e de atacantes nomádicos, não urbanos, que surgiam das montanhas e das estepes. Outra característica que se impôs foi a realeza.

No sumério antigo, “*lu*” quer dizer homem, e “*gal*” significa grande. O *Lugal*, ou Grande Homem, emergiu como o chefe de um bando de guerreiros semiprofissionais dedicados à proteção da cidade e dos seus terrenos agrícolas contra quaisquer atacantes, à vingança de atos hostis cometidos por uma cidade rival, e a garantir despojos através de ataques. O poder migrou do templo para o palácio, dos sacerdotes e burocratas para os senhores da guerra. Ao longo do tempo, “*Lugal*” passou a significar rei hereditário.²⁴

Fragmentos notáveis de escultura, agora no Louvre, revelam o caráter sanguinolento do terceiro milênio a. C. A Estela dos Abutres comemora uma batalha travada entre as cidades de Umma e Lagash por causa de um pedaço de terra agrícola disputado, situado entre as respetivas esferas de influência. A Estela é uma placa de calcário com dois metros de altura; tem um topo arredondado e relevos esculpidos nos lados. Estas gravações mostram o rei

de Lagash a conduzir um carro de combate, de lança na mão, a liderar uma falange de homens armados, que seguem para a batalha. Os soldados marcham sobre os corpos prostrados dos seus inimigos derrotados; os abutres circulam com as cabeças dos inimigos da cidade penduradas dos bicos. Aqui temos os sucessos da cidade no terceiro milénio a. C.: a roda mostrada como uma tecnologia de guerra; exércitos e combate organizado; escrita e arte usadas ao serviço da propaganda do estado.

*